

Relato das mães de alunos do Instituto Cearense de Educação dos Surdos sobre o desenvolvimento educacional de seus filhos

Dannytza Serra Gomes¹

Maria Neurielli Figueiredo Cardoso²

Sandra Maia Farias Vasconcelos³

Resumo

Estudar assuntos relacionados à educação de surdos é um tema que vem ganhando grande repercussão e despertando grande interesse nos últimos tempos. No Brasil temos, de acordo com o Censo 2006, cerca de 5,7 milhões de pessoas portadoras de algum tipo de deficiência auditiva — em torno de 3% da população. Este estudo teve por objetivo observar e descrever os passos percorridos por estudos científicos, na tentativa de construir uma pesquisa sobre o discurso produzido pelas mães de alunos portadores de deficiência auditiva que estudam no Instituto Cearense de Educação do Surdo (ICES). Assim, foram discutidos os aspectos metodológicos referentes ao recorte do objeto e à coleta de dados, em particular, à utilização da técnica de relato oral, seguindo os estudos de Meihy (2007) e Thompson (1998) e, também, às vantagens e desvantagens que esta modalidade de pesquisa apresenta. A narrativa das mães possibilitou conhecer suas necessidades e preocupações — dificuldades de aprendizagem, inserção no mundo ouvinte, apoio de profissionais qualificados, interação família/escola e acompanhamento do processo ensino/aprendizagem —, bem como as estratégias que utilizam para cuidar da educação dos filhos. A narrativa das mães permitiu-nos ainda observar as principais determinações sociais de suas condições de existência, quais sejam: a falta de recursos financeiros para proporcionar uma educação diferenciada, o apoio de programas governamentais de assistência e a doação integral de seu tempo para o acompanhamento de seus filhos. Dessa forma, o conhecimento gerado é importante para a organização das políticas públicas, pedagógicas e práticas sociais desenvolvidas pelo setor da educação, uma vez que se faz necessária e urgente uma reformulação no ensino de educandos surdos.

Palavras-Chave: Relato oral. Educação de surdos. Desenvolvimento escolar.

¹PPGL/UFC. E-mail: dannytzasg@hotmail.com

²UFC. E-mail: neurillifigueiredo@gmail.com

³PPGL/UFC. E-mail: sandramaiafv@gmail.com

1- Introdução

Ainda hoje, o indivíduo surdo é visto como um ser apático socialmente ou apenas como um ser deficiente. E a educação do surdo é historicamente marcada por conflitos e desacertos. Esses conflitos, em geral, decorrem de assuntos ligados à linguagem, pois muitas vezes não se sabe o melhor caminho a seguir, ou seja, se os surdos devem desenvolver a linguagem oral ou se deve ser permitido a eles o uso da língua de sinais.

O primeiro registro de que se tem notícia sobre o ensino de surdos ligado à língua de sinais é o proposto por Pedro Ponce de León, monge espanhol que vivia em um mosteiro onde não se usava a palavra para a comunicação; para se comunicarem, desenvolveram um sistema de comunicação manual inventado no próprio mosteiro.

Os irmãos surdos educados por León pertenciam a uma família em que havia quatro irmãos surdos. Então, a linguagem desenvolvida por eles era um sistema criado pelos próprios surdos e não tinha a gramática como base (LODI, 2005).

Sobre os resultados obtidos por León, Réé (1999) é citado por Lodi:

[...] os resultados na educação dos Velasco refletiram de tal forma nas diversas esferas sociais que seus feitos foram retratados na literatura da época: há uma história de Cervantes em que o protagonista é um monge com habilidades especiais para fazer os surdos-mudos ouvirem e falarem e curá-los da 'demência' [...]. (RÉE, 1999, apud LODI, 2005, p. 412)

Durante muitos anos, os surdos foram submetidos ao ensino oralista, que tinha a fala como base. Essa corrente metodológica defendia o uso de algumas técnicas que sinalizavam para orientações orais. A aprendizagem da fala era o ponto de partida e o treinamento auditivo, fundamental. Depois de muitas idas e vindas, surgiu uma nova modalidade de ensino, que considera a língua de sinais como ponto indispensável para o desenvolvimento do sujeito surdo, conhecida como bilinguismo (DORZIAT, 2004). O ensino bilíngue, que se utiliza da língua de sinais e da língua oral, seria o mais adequado no caso do ensino-aprendizado desses alunos. No Brasil, a educação bilíngue ainda não é uma realidade, e o desenvolvimento da linguagem de sinais é restrito aos filhos de surdos. Isso pode ser decorrente da má qualidade das experiências escolares oferecidas aos surdos. O fato de a língua de sinais ser desconsiderada e inferiorizada, e o mito de que pelo seu uso a criança não desenvolverá a linguagem oral, sustentam o uso de práticas pedagógicas que não auxiliam o educando surdo (LODI, 2005).

Essa reflexão nos orienta para uma análise sobre a participação do surdo na sociedade, criticando a idéia de que a surdez provoca essa apatia social, pois se

compreende que, pelo fato de não ouvir nem falar, ele não tem como participar, ficando de fora, alheio, tendo a necessidade de agir como um ouvinte para se sentir incluído (SILVA, 2006).

O objetivo deste trabalho é observar, à luz da análise do discurso, o que têm a dizer as mães de alunos surdos no tocante à educação de seus filhos, e discutir aspectos metodológicos referentes ao recorte do objeto e à coleta de dados, em particular, à utilização da técnica de relato oral, suas vantagens e dificuldades.

2 - Recorte do objeto de estudo

O estudo em questão teve como objetivo investigar o discurso materno em relação às políticas de educação que atendam as necessidades dos alunos surdos do ICES. Para tanto, a delimitação desse objeto depende de um extenso trabalho de campo que apresente o quadro de características pertinentes ao conjunto dos sujeitos em estudo. Na revisão da literatura, foram encontrados poucos estudos que citam a relação entre as condições de vida da família, a participação efetiva da mãe e o ensino-aprendizado dessas crianças. Em nossos estudos, percebemos muitas mães com baixa escolaridade e precárias condições socioeconômicas. Esses fatores estão intimamente ligados à situação socioeconômica do país que, por sua vez, está inserida num contexto histórico. Para tratar desse assunto, abordaremos, seguindo estudos de Pineau e Le Grand (1996), Meihy (2007) e Thompson (1998), o relato oral de histórias de vida. A análise será realizada através de uma análise crítica desses relatos baseada em Fairclough (1995).

Os níveis de aprendizagem por alunos surdos são considerados insatisfatórios, pois a prática pedagógica utilizada com esses alunos pauta-se pela hipótese de que a aprendizagem da leitura depende dos processos de aquisição e domínio da fala. Os resultados obtidos com essa prática são reconhecidamente insuficientes. Pesquisas realizadas no sentido de esclarecer esses processos deficitários sugerem programas de educação bilíngue.

Conhecer as relações que se estabelecem entre as mães, as crianças surdas e as instituições educacionais, e como são as suas práticas cotidianas, em um grupo social específico, é uma possibilidade de conhecer melhor a forma como essas crianças aprendem e se desenvolvem. Quando a família participa de momentos escolares de seus filhos, os resultados se apresentam mais positivos. As mães são as pessoas da família que mais participam desses momentos, pois mantêm uma interação com a escola e com os caminhos e escolhas que os filhos vão seguir.

3 - Escolha do método: o relato oral

A escolha do relato oral como metodologia de coleta de informações se deveu ao fato de que, como afirma Gaston Pineau, citado por Lani-Bayle (1990, p. 312), falar

de si mesmo é uma prática arriscada, porém a mais eficaz quando se quer perceber a relação de interdependência entre duas ou mais pessoas. O risco implica a atitude de fazer retornar acontecimentos do passado a despeito do presente e do futuro. Lani afirma, entretanto, que a prática do discurso de história de vida não é “como parece, voltado para o passado. O passado só é utilizado como mola propulsora para elaborar o futuro”. A autora observa ainda que, segundo a expressão de Lebovici, nos discursos de vida, com frequência, antecipa-se o passado para melhor recordar o futuro.

A técnica do relato oral não é recente. Se formos datar um começo, depararemos com a obra *Confissões*, de Santo Agostinho (354–430). Segundo Meihy (2007), Santo Agostinho interna em si o Deus do Cristianismo e com ele estabelece um diálogo baseado em uma trajetória histórico-pessoal — o que nos faz ver tal técnica como uma prática que serve para coletar informações de cunho pessoal que podem vir a ganhar o status de corpus de pesquisa, como está sendo feito nesta pesquisa.

Levar alguém a falar sobre sua história é uma prática hoje comum em ciências sociais, nas pesquisas em ciências humanas. Em linguística, essa metodologia apenas engatinha nos estudos de Maia-Vasconcelos (2003; 2005). Não basta, entretanto, haver um relato para se ter uma história de vida. Existem caminhos a fazer antes de constituir o relato como história de vida.

Todavia, a abordagem deve ser feita com muito cuidado. Christine Abels (1998), em seu trabalho sobre crianças institucionalizadas, previne que não se pode adotar essa metodologia sem levar em conta os desejos do sujeito participante. Demonstrar a necessidade da pesquisa pode se constituir numa invasão de privacidade, da qual o sujeito não está disposto a abrir mão. A metodologia de relato oral deve privilegiar o desejo do sujeito da pesquisa. Levado a querer falar, o sujeito tenderá a organizar melhor sua participação na pesquisa como autor de um relato próprio, seu, construído a partir de sua experiência.

Pineau e Le Grand (1996) desenvolvem seu discurso explicando que seu trabalho parte da construção de sentidos a partir de fatos temporais pessoais. A análise sobre os fatos não é anódina, pois os pontos de referência de um estudo biográfico correspondem a fatos verídicos, que certamente provocaram outros acontecimentos, assim sucessivamente, pois a vida é uma sucessão de experiências. Os dispositivos de intervenção para incitar um indivíduo a falar não podem, segundo os autores, deixar de levar em conta todas as influências do meio e da história do sujeito. Oral, gestual ou escrita, a fala é o instrumento de que o sujeito dispõe para fazer compreender-se e ver-se em sua plenitude.

O trabalho sobre histórias orais de vida tem por finalidade conhecer as estratégias de vida, os desvios no percurso e sua criação, assim como o reconhecimento de seu lugar no plano pessoal e social. Além do mais, a história oral de vida tende

a valorizar o indivíduo em detrimento do exclusivismo da estrutura social, pois concede ao mesmo o poder da fala. Isso implica um renascimento, ou seja, fazer renascer de si mesmo a ação e a liberdade que conduz à autonomia.

Contar a própria história exige certa disponibilidade de se desvelar e significa a aprendizagem de um comportamento de autonomização e de inserção no plano histórico e social, uma aprendizagem que passa além dos controles escolares, mas que dá realce à formação do espírito crítico em relação à própria vida do sujeito, uma relação construtiva e engajadora de significados.

Nosso público acrescenta a suas histórias antigas — e recentes — a situação de anomalia crônica, incurável, que, sozinha, já constrói um agrupamento de situações diversas e especiais. A tomada de consciência do problema rompe muitas vezes com a estrutura familiar e promove uma desorganização na perspectiva de futuro.

O que podemos perceber até o exato momento é que o relato oral não é apenas um simples contar de histórias; ele nasce a partir do desejo que o sujeito/autor possui de construir sua história de vida com base em sua memória vivida, com uma riqueza de detalhamento que somente ele poderá oferecer. Como nosso objetivo foi perceber, através dos depoimentos de mães de sujeitos surdos, o conhecimento dessas mães no que diz respeito à educação dos filhos, a escolha do relato oral foi muito pertinente.

Realizado o esboço do objeto de pesquisa, com fundamentação em dados bibliográficos, foi feito um reconhecimento da organização da rede de serviços de saúde específica ao surdo e análises dos riscos e danos a que as crianças estão expostas, advindos das condições de vida da família, ordenando com a maior objetividade possível o conjunto teórico de referências que fundamentará a análise. O caráter do social é fundamentalmente qualitativo, na medida em que as condições de vida e de trabalho consideram de forma individualizada a maneira pela qual as pessoas pensam, sentem e agem a respeito da saúde e da doença (MINAYO, 1994). Deste modo, parte-se da premissa de que é imperioso ter em vista os determinantes sociais que dirigem a vida das pessoas. As abordagens qualitativas buscam compreender a realidade que os números indicam, mas não revelam.

4 - Escolha do instrumento para a coleta de dados

Uma vez definido que a técnica do relato oral seria empregada para a coleta de dados, foi necessário pesquisar as diferentes modalidades existentes para escolher aquela mais apropriada para nossa investigação. Em nossa pesquisa, optamos por trabalhar com a entrevista. A entrevista é considerada um nome genérico no processo do trabalho de campo, podendo ser aberta, estruturada, semiestruturada, assim como entrevista com grupos focais e histórias de vida. De modo geral, é o

momento marcado previamente entre duas ou mais pessoas com o objetivo de se obterem informações. Ou seja, “o encontro de duas partes, em que, a priori, uma sabe o que a outra quer saber” (MAIA-VASCONCELOS, 2005).

O encontro de conversa gera expectativas nos interlocutores, pela experiência que se troca no preciso momento do encontro e que vai gerar inúmeros interdiscursos pelas inúmeras histórias geradas pela possibilidade de contar revendo a memória de um e de outro interlocutor. Esse movimento de vaivém se estabelece comumente em uma conversa, ou a troca de turno, conforme Marcuschi (1998). Daí a perspectiva da história oral de vida surgir como um argumento de conversa que a faz objeto da linguística.

Outro aspecto relacionado à entrevista que deve ser lembrado é a não permissão de envolvimento entre pesquisador e sujeito no momento da entrevista. Mas uma relação de frieza pode comprometer a análise. Vale ressaltar que a metodologia não se restringe apenas ao momento de contato, mas também envolve o da escuta do pesquisador e da leitura que se pode fazer do texto gravado (MAIA-VASCONCELOS, 2005), pois o pesquisador recolhe informações, que podem ser de natureza objetiva ou subjetiva, através da fala dos atores sociais (MINAYO, 1992). A conceituação de entrevista é ampla e contempla uma série de questões, que vão da fidedignidade do informante até a interação pesquisador/pesquisado.

Em se tratando de explorar e captar observações, diálogos, registros e de refletir sobre as condições de educação dos alunos surdos do ICES, utilizamos a entrevista coletiva como método principal de nossa pesquisa. Buscamos observar a relação da mãe com a educação de seu filho e identificamos a entrevista como uma significativa técnica de investigação.

Para a finalidade da nossa investigação, a entrevista — terminologia usada por Minayo (1992) —, que no nosso estudo buscou explorar a vivência das entrevistadas com a educação de seus filhos, foi a metodologia ideal para que chegássemos aos resultados esperados.

5 - Desenvolvimento do trabalho de campo

Depois de escolher a modalidade de relato oral a ser utilizada na pesquisa, nos deparamos com uma nova dificuldade: como desenvolver esse trabalho em campo. A preocupação inicial foi uma exploração do campo a fim de delimitar, de acordo com o escopo da investigação, os locais onde seria possível o acesso à clientela ligada à temática nuclear do estudo. Os levantamentos bibliográficos nos tinham alertado a esse respeito. Assim, partimos em direção à instituição já citada anteriormente.

Em seguida, foi necessário planejar a coleta de dados empíricos. Alguns aspectos importantes foram: a entrada no campo, a seleção das mães entrevistadas e a amostragem.

A entrada no campo para nós foi orientada pelo critério de maior facilidade de contato com a clientela específica do objeto de estudo. Assim, esperamos um momento adequado para a visitação da escola. Vale ressaltar que para a entrada oficial no campo é necessária uma autorização formal dos órgãos responsáveis pelas instituições. Por ser uma pesquisa realizada com seres humanos, é preciso considerar os seguintes aspectos: informá-los com uma descrição precisa dos objetivos e finalidade do estudo; obter o seu consentimento livre e informado, e garantir o sigilo dos relatos obtidos.

A abordagem inicial das mães foi realizada na área física destinada ao refeitório, pois é o ambiente mais amplo existente no instituto. O primeiro contato, assim como os seguintes, foi coletivo. A presença do pesquisador (entrevistador) pode despertar curiosidade das pessoas (clientes), algumas interessadas, e outras não, em participar da pesquisa. Para a seleção das mães, é necessária uma série de visitas ao local desejado para conhecer e identificar o grupo de mães a ser entrevistado.

Na apresentação do pesquisador, é preciso uma explicação adequada sobre o trabalho de investigação, dando liberdade para participação e solicitando seu consentimento. Após este contato com as mães, foi verificada a possibilidade de uma interação entre o pesquisador e as entrevistadas.

A escolha da amostra está ligada ao objeto de estudo e ao campo empírico de investigação escolhido, tratando-se de uma amostra selecionada e não casual, com as características definidas no perfil *mães de alunos surdos estudantes do ICES*. Neste sentido, a amostra utilizada na nossa investigação foi: mães de alunos surdos, que acompanhavam os filhos à escola e frequentemente estavam no ICES.

Após obter o consentimento dos participantes para depor, isto é, falarem sobre si e sobre os filhos, após ouvi-los, é preciso objetivar, trazer para uma realidade objetiva, pública, a representação subjetiva que eles têm do seu próprio ser social. O conjunto de informações oferecido pelas mães pode ser composto por um relato de experiência vivida, revelando aspectos ligados ao processo educacional e social, sua opinião sobre as instituições de educação voltadas para o surdo, entre outras questões de fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento da criança surda.

Foi marcado previamente o encontro com as mães, e o ICES cedeu gentilmente a sala onde funciona o refeitório, onde no mesmo dia iria acontecer uma reunião entre pais e professores. Permanecemos presentes no local durante a reunião e observamos o comportamento de algumas mães. Encerrada a reunião, formamos o grupo que iria ajudar-nos na pesquisa. Portanto, trabalharemos aqui com o material colhido desse grupo.

Primeiramente, uma das coordenadoras fez as apresentações e deixou o local. Iniciamos uma conversa informal com o grupo e explicamos novamente o objetivo de nossa visita. Foi feita uma dinâmica com o grupo e, em seguida, uma exposição do trabalho a ser desenvolvido. As mães foram avisadas do uso do gravador. Devido ao

fato de uma das mães presentes ser surda, foi necessária a presença de um intérprete de Libras. Com essa mãe, utilizou-se a gravação de um vídeo feito em um celular.

Iniciamos o trabalho com as mães com uma ficha simples sobre a sua idade, a escolaridade, a idade do filho e a série cursada por ele. Em relação à elaboração do instrumento de coleta, nossa experiência tem sido com entrevistas semiestruturadas, que combinam perguntas abertas e fechadas. Este tipo de entrevista é considerado a forma mais útil para colher depoimentos das mães.

Foram feitas as perguntas, e as mães responderam de maneira direta. Em nenhum momento, as mães se recusaram a responder ou questionaram as perguntas. No início, algumas falavam baixo e esperavam as respostas das outras mães antes de se pronunciarem. Foram feitas perguntas sobre a família, sobre a escola, sobre o papel da mãe na educação de seus filhos e sobre a representatividade dos filhos em suas vidas. No início do diálogo, as mães sentiram-se perturbadas com o gravador, mas, após alguns minutos de conversa, esqueceram-se e narraram os passos de sua vida e as dificuldades enfrentadas na busca da educação de seus filhos.

Após a entrevista coletiva, as observações colhidas pelas pesquisadoras foram registradas numa ficha de entrevista, instrumento de uso pessoal que comporta uma série de dados: o comportamento das mães entrevistadas, os temas abordados, a dinâmica com que a entrevista transcorreu, informações acerca do local da entrevista e aquelas que a própria entrevistada fornecia nos intervalos da gravação, além da percepção do pesquisador em relação às *entrelinhas* presentes em cada encontro. Essas anotações contribuíram no sentido de complementar as entrevistas e tornaram-se um material riquíssimo para captar as expressões das relações que se constituíram ao longo do trabalho de campo.

Em geral, a despeito das conotações parciais e subjetivas dos depoimentos, verificamos que as mães procuraram retratar suas experiências com consistência, objetividade e coerência. Tentamos realizar a entrevista como uma conversação, isto é, fazer uma busca permanente de comunicação entre o que interessa a um e desperta e mobiliza o outro. Procuramos perceber o que as mães queriam dizer e o que elas não queriam. Assim, os silêncios que ocorriam não eram apressadamente preenchidos com questões, nem a entrevistada sentia que deveria ter sua resposta preparada.

Em alguns momentos da entrevista, sentimo-nos compelidas a interferir em certos aspectos, mas procuramos manter uma atitude neutra, de não interferência, restringindo nossos comentários e fornecendo orientações gerais apenas quando solicitadas explicitamente pela mãe.

Quanto ao encerramento da entrevista, verificamos que, na medida em que transcorria a entrevista, as mães demonstravam que os assuntos pareciam ir se

esgotando e naturalmente encurtavam sua fala. Dessa forma, a entrevista foi feita em uma única sessão, com duração de duas horas, tendo sido iniciada às nove horas da manhã e encerrada por volta das onze horas.

Após a coleta do material, iniciamos a etapa de transcrição das entrevistas. Este tipo de técnica de pesquisa sempre resulta em grande volume de dados que devem ser transcritos cuidadosamente para que as falas das mães sejam registradas de maneira fiel e íntegra, respeitando, por exemplo, a forma de expressão delas, mesmo quando cometem erros de gramática. Assim, essa etapa da investigação exigiu bastante paciência e seriedade de nossa parte, nos recompensando, no final, pela produção de um vasto material para análise.

6 - Considerações finais

Ao analisarmos o material colhido na pesquisa de campo, nos deparamos com um grupo de mães que está em busca de um contato real com a instituição onde seu filho surdo está inserido. Acreditamos, porém, que isto não é uma unanimidade, visto que tivemos um grupo pequeno, mas que se dispôs a participar. As mães esperam que a escola contribua na educação de seus filhos como pessoas, ajudando-os a se transformarem em adultos conhecedores de seus direitos e deveres. E percebem que a participação dos pais nos eventos promovidos pela escola é muito importante, pois acreditam que a parceria só trará benefícios para os filhos surdos.

Observamos também o comportamento do ICES. O Instituto se mostrou, a todo o momento, pronto a participar e a responder a qualquer questionamento das pesquisadoras. O grupo de profissionais que lá trabalham teve todo o cuidado em atender e ajudar no que foi possível, para que a pesquisa se realizasse. Isso demonstra o interesse da instituição.

Conhecer as relações que se estabelecem entre as mães e os serviços educacionais e como são suas práticas cotidianas, em um grupo social específico como o de educandos surdos, é uma possibilidade de melhorar a forma como a criança é vista no processo ensino-aprendizagem e levantar, para os profissionais da educação, novas estratégias pedagógicas para a promoção desses alunos durante o seu processo de crescimento e desenvolvimento.

Outra vantagem é a compreensão mais ampla e interdisciplinar dos fenômenos humanos, possibilitando conhecer as idéias ou representações prevalentes numa coletividade, assim como as circunstâncias e situações específicas em que se desencadeiam determinados eventos ou comportamentos. Para mudar uma situação, é necessário conhecer a realidade social em profundidade, e isso se aplica à vida de um indivíduo, assim como aos processos coletivos.

Por fim, achamos necessário que se atenda às especificidades desses alunos. É preciso propiciar a esses jovens um espaço adequado, um ensino de qualidade e professores qualificados. Às mães, é necessário atendimento periódico em busca de uma parceria e suporte que só a família pode oferecer.

Referências bibliográficas

- ABELS, Christine. L'accompagnement de l'enfant placé dans son travail d'histoire de vie. Chap. 2.
- DORZIAT, A. Educação e surdez: o papel do ensino na visão de professores. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 23, p. 87-104, jan/jun 2004.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis*. Harlow: Longman Group UK Limited, 1995.
- LANI-BAYLE, Martine. *A la recherche de la génération perdue*. Paris: Hommes et perspectives, 1990, p.312.
- LODI, Ana C. B. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set/dez 2005.
- MAIA-VASCONCELOS, Sandra M. F. *Clínica do discurso: a arte da escuta*. Fortaleza: Premius, 1995.
- MARCUSCHI, Luis A. *Análise da conversação*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- MEIHY, José Carlos; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- PINEAU, Gaston (Org.). *Accompagnements et Histoires de Vie*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- ; LE GRAND, Jean-Louis. *Les Histoires de Vie*. 2. ed. 8. mille. Paris: PUF, 1996.
- SILVA, Daniele N. H. Surdez e inclusão social: o que as brincadeiras infantis têm a nos dizer sobre esse debate? *Cad. Cedes*, Campinas, v. 26, n. 69, p. 121-139, mai/ago 2006.